



REeducar

Projeto Educativo



1. Para onde vamos: REeducar

É feito de pequenos capítulos ou atos. Pretende acima de tudo partilhar, contar e despertar as relações, as amizades e as ações. Criar um diálogo por um conceito alargado de família, com o qual as crianças e os pais podem contar com a Associação Carolina Michaelis nos primeiros passos para a interação social, na orientação no conhecimento de si, dos outros e do mundo, como um local privilegiado de partilha, cooperação e educação para a participação. É um caminhar juntos, animados pela força da comunicação positiva e da valorização pela diferença.

2. De onde vimos

2.1. Hereditariedade

Contextualizar é fundamental para compreender o que aqui se foi desenvolvendo ao longo dos anos, e os capítulos que se seguem. A génese desta organização data de 1973 quando o apoio aos professores destacados para o Liceu Carolina Michaelis era dado dentro das mesmas instalações e com apoios financeiros do Estado. Volvidos dez anos define-se a Associação que de acordo com as necessidades locais passa a estar aberta à comunidade prestando serviços de apoio às famílias. Aqui se formaliza um modelo de gestão cujos órgãos sociais são compostos por associados e que de forma voluntariada assumem a Gestão e a Direção da Associação.

A grande maioria de associados que assumiram a Direção ao longo das décadas foram pais que beneficiavam dos serviços da creche e do jardim-de-infância. Os órgãos sociais foram-se formando, a disponibilidade foi-se ajustando à necessidade premente, e as equipas técnicas altamente especializadas foram unindo esforços e limando este projeto de acordo com os objetivos propostos. Estranhamente as pessoas surgiam de acordo com as reais necessidades de resposta. Fruto da enorme solidariedade dos grupos e das pessoas aqui envolvidas, os objetivos passaram a reuniões noturnas, dedicação extrema, e estes pais e as funcionárias envolvidas foram paulatinamente moldando o caminho.



Particularmente neste século todas as pessoas envolvidas foram capazes de estabelecer as parcerias, partilhar conhecimento, criar projeto e executá-lo de forma que hoje a Associação tivesse um lugar para a habitar. O lugar foi cedido pelo Ministério das Finanças e Tesouro, o edifício foi projetado para as características dos serviços propostos direcionados para as crianças e a ação educativa, patrocinado por fundos privados doados, participado a 70% fundo perdido pela Dren, e fundos bancários que apoiaram e apoiam as Entidades e Instituições Sociais Privadas.

Hoje habitamos a rua Infanta Dona Maria nº10 e nº54, entre os lugares do passado no Liceu e em Barão Forrester. Vivemos em consciência da nossa hereditariedade ladeados por estas vivências. Num edifício novo, sem sotão ou camélias centenárias, com os mesmos recursos humanos, alguns cuja longevidade conta muito mais do que esta introdução possa alinhar.

2.2. O passado recente: Dez meses em ebulição

Este projeto educativo nasce em conclusão de uma obra já a habitar o novo edifício, após dez meses nesta casa em que ainda estamos a construir identidade, o que mudou?

A direção retira às funcionárias quaisquer funções de gestão, para que se dediquem única e exclusivamente às crianças. Esta radical mudança está na base da construção deste projeto educativo, o qual está assente na premissa fundamental que existe uma pessoa que assume o papel de gestão dos recursos humanos, financeiros e operacionais, trabalhando em coordenação com as Direções Técnicas e Pedagógicas de cada valência, para que o projeto educativo se reflita no pedagógico e ambos nas escolhas diárias de gestão, avaliação e orçamentação.

Com a mudança surgiu: a formação às funcionárias, reorganização e supervisão das equipas pedagógicas, promoção de um ambiente em que os agentes educativos partilham formação e dialogam, e acima de tudo - e será aqui que reside a força motriz deste projeto - o plano individual da criança.

Levar a cabo esta orientação foi reequacionar práticas pedagógicas, metodologias de ação e comunicação, reorganização espacial, e acima de tudo compreender o equilíbrio entre a relação entre o educador e a criança de um para um, e a relação entre o grupo e os demais pares. Mais se aprofunda ainda e adensa o caminho da planificação quando perante crianças que exigem um acompanhamento e uma integração mais específica como as crianças com necessidades



educativas especiais. Sejam sinceros, a denominação é abjeta a realidade *ipsis verbis*.

São estes casos em particular que obrigam os demais agentes educativos a participar de forma continuada e intensa no contexto escolar e nas decisões diárias de acompanhamento. É através das dificuldades vividas por todo um grupo de pessoas envolvidas, nestas incluídas as famílias, que surge o princípio basilar da conduta das ações educativas e relacionais aqui previstas.

2.3. Crises como oportunidades: Os pontos fortes das crianças

São as crianças que fazem a diferença e quando se revelam com necessidades educativas especiais muito diferenciadas, o desafio é imenso. Nestas crianças em interação com os educadores residem as dúvidas e as incertezas. Foi necessário que estas crianças surgissem nas nossas vidas, de forma intensa, de forma que o impacto revelasse a verdadeira incapacidade que em nós residia.

Como se poderia aplicar um projeto pedagógico de tal forma igual para todos, se as questões da comunicação verbal e não-verbal, da interação social, da criatividade e imaginação e do próprio processamento sensorial estão comprometidas?

3. Linhas orientadoras

3.1. Relações humanas autênticas: Sentir. Receber. Devolver.

Desde o dia em que o bebé convive com o meio, cabe à família que a rodeia, propiciar estímulos adequados que promovam o seu desenvolvimento sadio, nem depressa nem devagar, compreendendo os ritmos de cada um, atentos e incitando paulatinamente para um horizonte e um interesse mais alargado. Claro que aqui se inclui a Carolina quando se relaciona com as crianças na procura de um vínculo que se reflita em relações humanas autênticas. Na procura ativa de conhecer os momentos que caracterizam o crescimento em cada fase da vida. Sentir. Receber. Devolver. Numa dinâmica que desde cedo se vai esbatendo idade ou hierarquia para se estabelecer empatia. Através do riso, o gesto, o toque, o som, o cheiro, o paladar, acima de tudo



consciente das escolhas, os educadores incitam ao conhecimento.

Tudo isto AQUI depende do que formos capazes de oferecer para a exploração e aprendizagem através dos recursos pedagógicos e didáticos, das atividades que promovemos em pequeno e grande grupo, conscientes que a planificação é um reservatório de ideias altamente teórico cuja prática é orientadora da sua própria reformulação. Ou seja alicerçados por metodologias de trabalho e interação e planificação baseadas nas teorias de High Scope, MEM (Movimento da Escola Moderna), e pedagogia da situação e de projeto, só para nomear alguns dos orientadores.

3.2. Modus operandi: Brincar

“O brinquedo não é um objeto neutro: é um veículo de simulação, e de aprendizagem da vida adulta, encaminha os comportamentos e as práticas sociais e culturais, define lugares na comunidade e na família.” É preciso trabalhar no sentido da igualdade, ou antes ainda no sentido da recusa de qualquer tipo de discriminação, para isso é necessário ter a clarividência de compreender a praticada e comum desigualdade evidente na estimulação cognitiva quando escolhemos bonecas para as meninas e legos para os meninos.

Os educadores que organizam os espaços e os capacitam com determinados objetos e materiais têm o cuidado de compreender que são também essas as premissas da relação e da exploração. Determinar áreas de trabalho previamente não é idêntico a construir com as crianças os espaços dos quais tenham pertença. É necessário equilibrar as propostas de forma a que se perceba quando é que precisamos de um espaço vazio e ou de um círculo desenhado no chão ou de mesas e cadeiras.

É aprendendo a brincar consigo e com os outros que a criança poderá ultrapassar as suas próprias dificuldades, e é com todos os adultos que fazem parte do seu dia-a-dia que irá alargar o seu vocabulário, de forma a que possa estar mais disponível para os outros e mais comunicativo. Comunicar de forma clara e verdadeira é pilar. E só quando firmarmos esse contrato com cada um de nós, é que seremos capazes de gerir melhor as emoções, e propor mudanças atitudinais e comportamentais.



3.3. Relações intemporais: O Tempo

Na infância o tempo é intenso. Mesmo intenso. Todos nós adultos somos capazes de lembrar como parece eterna a infância, como a ida à aldeia parecia uma viagem interplanetar, como um verão com os primos dilatou a vinda da escola e a aventura na casa abandonada do vizinho depois da escola soube a uma exploração histórica que ficará para sempre gravada nos livros que as contam. O tempo com os irmãos, com os primos, os tios, os avós e o pai e a mãe. Que tempo delicioso esse. Seria preciso mais deste tempo. Tempo para ouvir e nos envolvermos, é mais que meio caminho para propiciar o ambiente de casa que todos sentimos falta. Todos sentimos falta do sítio a que chamamos casa, mesmo maduramente sabendo que esse sítio reside em nós.

3.4. Dinâmica das relações: A casa

Construir essa casa, é sermos capazes de nos reconhecemos, e a maior ferramenta para o auto-conhecimento é a partilha. Começemos aqui desde cedo esse tempo onde todos nos vemos como família. As abordagens à aprendizagem propõem-se diversificadas e interculturais, compreendo o processo de formação de identidade como constante contínuo e dinâmico, permeável ao outro. Crítico. Contemporâneo. Vinculado à vida.

Por onde começamos?

Pela transversalidade, por uma relação horizontal entre os educadores, os funcionários, os pais e as crianças. Tirar partido desta casa em que tudo acontece neste plano, promover a partilha de conhecimento e experiências entre salas, fazer com que aconteça todos os dias, em ações do quotidiano mais banais em que uma criança faz um recado e serve de fio condutor, ou as mais planeadas que os maiores mostram aos menores afinal realmente como é que se faz!

Associação é em si uma organização com projetos de proximidade, onde os agentes educativos participam ativamente na educação e na gestão, o ambiente familiar e informal é a mecânica das relações, devendo espelhar o exemplo pela equidade e justiça, compreendo as diferenças em cada um, valorizando-as.



3.5. A comunidade: um Puzzle

Ensinar a cidadania só faz sentido se os atores souberem ser cidadãos, coniventes com os princípios dessa construção ideológica e social, e em avaliação do último ano é importante reiterar que é preciso definir uma plataforma de interligação entre os demais agentes educativos. Daí o Naif aparecer desde cedo como uma ferramenta de diálogo, partilha de dúvidas e conhecimento, acima de tudo de vocabulário comum para que o entendimento entre os demais seja possível e favorável. O Núcleo de agentes educativos interessados em formação, é uma iniciativa da Associação, que assenta numa partilha a 360, para pais, educadores e crianças. Esta comunidade, que se desenha aqui, à décadas e que se dinamiza no dia-a-dia, promove um processo coletivo de reflexão e resolução dos problemas.

4. Parcerias

Em todas as referências que as crianças vão tendo ao longo das suas vidas, os parceiros da Carolina são fundamentais, com estes capacitamos as pessoas e contribuimos para a coesão social, alargando os horizontes para uma dinâmica de transformação. Os parceiros são fruto de relação trabalhada diariamente, precisa de ser cuidada como uma planta, e precisa de ser precisa. Aqui partilhamos as necessidades e a articulação já realizada formal e informalmente, para o arranque.

Daí as parcerias com os demais para que possamos nos empenhar em projetos perenes, que tratem do jardim exterior, que seja esta comunidade a dar-lhes vida. Entre o frio e o calor, queira pelo menos uma maioria, cuidar da terra, da horta de onde vamos degustar, dos frutos do bosque que utilizaremos para as tintas, aprender com o bicho pau a beleza da camuflagem absolutamente necessária na impossibilidade de outro recurso, cuidar da atmosfera percebendo a malha invisível entre tudo isto.

4.1. Ferramentas de expressão: O Teatro e a Música

Como educador social, no sentido em que promove todos os aspetos do desenvolvimento pessoal



e interpessoal, mais do que isso promove esta noção de cidadania e de necessidade de sentimentos de empatia e solidariedade, porque o ator se coloca no lugar do outro e melhor do que isso deixa-se em consciência observar. A performatividade faz parte da sociedade atual, já não se verifica só nos palcos, o mundo é um palco, e neste se podemos ensaiar algumas das experiências num ambiente protegido como o é o jardim da infância. O teatro com a sua necessidade de gesto ou de movimento e/ou palavra, explora o corpo como matéria de interação e comunicação. Começando logo pelo seu princípio o teatro não existe sem o outro. Depende dele. Entre o ator e o espetador, escreva-se o diálogo, e coloque-se em cena o bastante para que saibam observar, e pendentemente trocar de lugar.

Respeitando as diferenças, apaziguando as assimetrias, desenvolvendo metodologias pedagógicas dinâmicas capazes de dar resposta à diversidade com coerência, clareza e unidade de ação.

Nós agentes educativos somos os primeiros promotores da coesão social, e a diversidade cultural que o teatro abarca na sua antropologia, é material indispensável, humano, e perfeitamente natural. Qual é a criança que não teatraliza?

A Carolina irá observar essa natural dramatização para destrinçar, explanar, mostrar à criança aquilo que à partida é impossível ver a realidade sociológica que a define e redefine a todo o momento, propiciando aprendizagens para todos e com a influência de todos.

A Música

O ambiente sonoro é um potencial de comunicação. O simples acto de emitir som é em si só uma ferramenta tão primitiva da linguística que permite articular com a maior naturalidade uma panóplia de experiências e vivências que vão além do falar e do contar.

Educar pelo ambiente sonoro é ensinar a escutar, otimizando os recursos e meios materiais e humanos, pela familiaridade com o sensível, almejando uma formação integral dos sentidos e da criança. A potencialidade criativa que surge de forma tão natural é inegável! O som, o ruído, constantes do quotidiano de qualquer um, embauques corpo, em qualquer tempo e em qualquer espaço.

Permitindo desenvolver a capacidade de cooperação e do trabalho em grupo, também a música permite educar para a construção social, pelo valor da sensibilidade das relações interpessoais.

Com a música, a atividade pedagógica torna-se ambivalente, explorando pela criatividade,



coordenação, concentração e autodeterminação, fomentando a autonomia na ação e gerando autoconfiança e iniciativa individual.

Com sentido artístico e numa articulação interdisciplinar é também ela um complemento identitário da Carolina.

4.2. A investigação

O questionamento é parte do quotidiano, articular com parceiros que investigam o nosso contexto é crescer com estes. As questões da educação são complexas e tocam tudo e todos. Não só nas questões que envolvem a construção das famílias e a evolução da sociedade, mas também a prática pedagógica e a criança enquanto um ser completo.

As demais faculdades envolvidas questionam em conjunto connosco os medos infantis, as rotinas diárias, a importância dos avós, as narrativas tradicionais, a comunicação com a criança, o seu desenvolvimento intelectual em todas as esferas cinestésica, linguística, matemática, espacial, pessoal e interpessoal. Trabalhar com parceiros especializados, é estarmos disponíveis à observação e à crítica construtiva que nos faz equacionar as práticas pedagógicas: na comunicação, na relação, na nutrição, na higiene, em todas as valências do cuidado e bem estar das crianças.

4.3. De um para muitos: Os pontos fortes

As parcerias com as demais clínicas de análise, diagnóstico e tratamento, do foro da psicologia, psiquiatria, terapia da fala, ocupacional, médicas pediátricas e dentárias, promovem um acompanhamento inter e multi disciplinar da criança, capacitam o adulto e promovem estratégias de desenvolvimento adequadas.



5. Memória coletiva: Documentar

Recolher elementos da infância das crianças é propiciar-lhes enquanto adultos portas de percepção a um mundo que se vai esquecendo. A Carolina vive diariamente no presente mas conhece muito bem a fragilidade dos anos que apaga os rostos, os nomes, os espaços, as vivências. Por isso queremos que levem daqui fotografias, sons e desenhos, registos de infância que possam depois completar com o imaginário.

6. Poesia do quotidiano

E em consciência nos apercebemos que afinal a casa tem história, que a constroí desde o dia um, podemos aprender a *Crescer e dizer adeus*

Crescer com a Carolina é questionar o que é natural, mesmo que a cantar o atirei o pau ao gato e a proteger os animais do mesmo modo, é partilhar, é discutir e discordar, é ver letras na rua e recriar com a cidade o que se quer aprender, é dar valor à brincadeira e gostar de se perder tempo com a amizade. É ver a chuva da janela e dizer yuppie, hoje está a chover, posso ver as poças na rua, os reflexos da cidade virada ao contrário, olhar pro céu de cabeça baixa, e esticar a língua ao alto e saber a que sabe o mundo hoje. E depois de tanta alegria engolir a água e não gostar, quem sabe, deste tipo de sabedoria, perceber que as gotas sabem a remédio e que os medicamentos nem sempre são bons. E que preciso é de me fazer forte comendo de todas as cores com prazer o que a terra me dá. Degustar os brócolos, o tomate e a alface, fazer caras feias e dizer hoje sim. É dormir o quanto baste, é correr o quanto posso, saltar até chegar ao ponto mais alto e saber descer sem grande moça. É conhecer todos os meninos da escola, e cantarolar àquele bebé que afinal não cresce, dizem que cantar faz medrar as plantas tenho como plano dar-lhe o mesmo tratamento, sigo para a minha sala vizinha e entrego o pincel que vinha a propósito desde a minha saída e vejo os rebentos pequenos que ainda à pouco me lembro de tropeçarem sobre si, a tocar o xilofone igual à chuva lá fora, e contente mas saudosos vou a trote ter com a minha família e sinto que um dia vou sentir saudades.